

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 8 — 9 DE DEZEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

9/XII/1935



☆☆
Betty Furness
da
"Metro"
☆☆

23.1.1. UM SENSACIONAL NÚMERO DE NATAL

Espectáculos para crianças

Com o desaparecimento, quasi absoluto, das companhias de cavalinhos, morreram, por completo, os espectáculos para crianças. Hoje, uamã que queira divertir o pimpolho vê-se e desaja-se para saber onde o deve levar, e acaba, em regra, por esperar com ele na primeira «matinée» que lhe aguce os apetites, sem pensar mais tempo na conveniência ou inconveniência do facto.

A desorientação chegou a tal ponto que, hoje, há theatros de revista, que anunciam «matinées» infantis, esquecidos de que não bastam todos os rebuçados deste mundo ou todos os balões-zinhos que se distribuem, para transformar um espectáculo, para maiores e vacinados, em sessão própria para adolecentes e crianças.

O problema é grave e merece bem duas linhas de reflexão, porque se no teatro mola há, em regra, que se recomende, no cinema, na maior parte dos casos, o panorama é idêntico.

Nem todos os filmes, com efeito, se recomendam às crianças. Podem ser innocentes, simples, infantis até — e não constituírem o espectáculo ideal, para o seu espirito, para a sua mentalidade em formação. Exemplifiquemos: Shirley, aviadora. Tipo do «coute blanc». Uma estrelinha miuda, como interprete. O contraste entre duas educações. Filme altamente moral. E, no entanto, uma criança é incapaz de compreender e de se interessar pela história de amor que lhe serve de base, e, se tiver coração, há-de forçosamente impressionar-se, até às lágrimas, com a morte da mãe de Shirley, no dia do Natal, sob o automóvel — e cenas subsequentes...

As comédias, género filmes de Oeste, com cavalgadas, multos sócos à mistura, ladrões e bandidos, tiros e «borrachos» — interessarão a rapaziada brava, mas deixarão insensíveis as meninas, menos propensas à admiração dessas histórias violentas, com protagonistas pouco barbeados...

Uma farsa pode ter pilhas de graça — e ser escabrosa. Uma comédia pode ser simples, mas subtil. E se continuarmos a análise, veremos que só os filmes de Bucha & Estica, os desenhos animados e os filmes de viagens se podem recomendar, com consciência, para crianças de todas as idades.

No nosso caso, em Portugal, onde

não há sessões especiais para a garotada, o problema é difícil de resolver, porque só de longe em longe, aparecem filmes no género dos que apontamos. E, por isso, se notam, a cada passo, nos plateaus, crianças — às vezes de mania, ainda... — que melhor seria não estarem lá...

Só em Portugal, verificamos o facto. Porque, lá fora, todas as semanas, há cinemas que organizam «matinées» infantis, com programas adequados. Em Paris, Londres e Berlim, contam-se, às centenas. E aqui temos nós, presente, sobre a mesa de trabalho, o programa do cinema «Crosby», de Bruxelas, que não uniga nos enviou.

Todos os dias, se realizam «matinées» infantis. A semana, os lugares custam cerca de quinze tostões. Ao domingo, o dobro.

A sessão dura cerca de hora e meia. E o programa, que temos, ante nossos olhos, inclui os seguintes filmes: Actualidades Mundiais, Actualidades Nacionais, a Atracção da água (um filme sobre a natução), O Sul (documentário muito instructivo). Tom e Jerry, pioneiros do ar (um lindissimo desenho animado), Viagem a Veneza (muito interessante), Os Bonecos divertem-se (magnifico desenho animado colorido), Tudo é possível (rir até às lágrimas, com Charley Chase).

Damos na integri do programa, com as audições a cada filme — para não perder o sabor...

A pessoa que nos escreveu pergunta: «Porque se não realizam, entre nós, sessões idênticas? Creio que todas as mães acorreriam em massas.

Não garantimos que assim succedesse. Há anos, o Politeama tentou as sessões infantis, com resultados nulos. Mas, enfim, seja como for, há que tentar...

Os tempos mudaram e é possível que hoje a iniciativa seja mais bem acolhida. O que não faz sentido é que se continue a estabelecer a confusão num assunto de tão grande importância, e que as revistas pornográficas, mais ou menos «exclings», ponham ao domingo a capa angelica da inocência e atrainam as crianças, acenando-lhes com rebuçados e balões-zinhos de cor...

FERNANDO FRAGOSO



Ester Brudotel, uma rapariga que já se ria célebre, se uma plástica perfeita garantisse, só por si, o êxito no cinema.

Os Filmes da Semana

Indicações para o exibidor e para o público

Casta Diva — Um dos melhores filmes de Martha Eggerth, muito perto da *Sinfonia Incompleta* e a grande distância dos restantes. Os amores de Vincenzo Bellini, o mais romântico dos músicos da sua época, o autor festejado da Norma, da *Sonámbula* e doutras óperas célebres. Luxo, bom gosto, bom cinema — uma obra de inegável categoria, realizada por Carmine Gallone, que tem tradições.

Ambiente romântico — «satídoso», digamos assim — com lindas canções, que Martha Eggerth canta divinamente.

Sem dúvida, um dos grandes filmes da temporada!

(Estreado no Tivoli. Distribuição da Sonoro-Filme).

Folies Bergère — Maurice Chevalier, pela primeira vez, em dois papéis. A sua consagração, como actor! Um filme bem realizado, que se desdobra em magníficos quadros de «music-hall» como só o cinema pode realizar. Seis canções cantadas por Chevalier, entre elas a célebre «Valentine», que ele conseguiu celebrar. Um argumento audacioso, levemente picante, que não escandaliza ninguém. As apoteoses ao chapéu de chuva e ao chapéu de palha são óptimas. Em resumo: um filme alegre e cuidado, com a melhor criação

de Chevalier, em toda a sua carreira de artista. (Estreado no São Luiz. Distribuição da Sonoro-Filme).

Uma aventura na Polónia — É uma comédia, fresca e engraçada, esta que Gustavo Froelich dirigiu, e que marca a sua estreia como realizador. O inolvidável interprete do *Asfalto* seguiu, assim, as pisadas de Willy Forst, embora com menos felicidade, não porque haja afirmado menos os seus méritos, mas sim porque não o fez de forma tão absoluta e convincente. No entanto, *Uma aventura na Polónia* vai agradar a todos aqueles que buscam um espectáculo leve e divertido, sem complicações nem exigências de maior. (Estreado no Pakicio e Odéon. Distribuição da Sonoro-Filme).

Os Mistérios de Paris — Uma obra com tradições de espectáculo popular, e que vai agradar sem reservas aos apreciadores destas obras de imaginação pura, embora frágeis e inconsistentes. O romance de Eugénio de Sue, que apaixonou nossos avós, foi posto em cena com notável propriedade e é o relato fiel do romance, página a página, capítulo a capítulo. (Estreado no Condese. Distribuição de J. Castelo Lopes, L.^{da}).

O tributo da glória

Palavras de Margarete Sullivan, num artigo que escreveu para «Pour Vous»:

«Hicécera dum ano, ansiosa por fazer uma cura de repouso, parti para Londres sem dizer nada a ninguém. Na estação, nem viva alma à minha espera. Graças a Deus, não fui reconhecida. E, assim, pude viver três semanas, sem ter que pensar «na minha publicidade», sem dedicar retratos ou firmar autógrafos... Até que, por fim, o inevitável deu-se... Um emissário do estúdio descobriu-me — e adeus tranquilidade!

«Greta Garbo, antes de partir para a Europa, conseguiu, um belo dia, fazer uma excursão de automóvel. Só a descobriam ao fim de dois dias — e, para Garbo, acho que é um belo recorde de permanência em incógnito.

«Janet Gaynor esteve, recentemente, quinze dias em Wisconsin, e conseguiu evitar que a descobrissem, a nossa sombra negra... Tomou uma única precaução — usou, sempre, o seu verdadeiro nome, pois, como sabem, Gaynor é, apenas, um nome de guerra.

«Harold Lloyd contou-me, noutro dia, no «plateau», durante um intervalo de filmagens de «Via Láctea», que, há alguns anos, na Europa, conseguiu fazer uma longa estadia, sem que ninguém o reconhecesse. E claro, Harold tem uma vantagem sobre as restantes vedetas. Enquanto estas, para esconderem a sua verdadeira personalidade, põem óculos escuros (precaução que dá muito nas vistas) Harold limita-se a tirar os óculos, sem os quais é difícil reconhecê-lo.»

CEMITÉRIO DE HOLLYWOOD

Dan O'Flaherty, o célebre realizador irlandês, autor de *Mouma*, acaba de escrever um livro intitulado *Cemitério de Hollywood*.

Segundo parece, trata-se duma sátira ao meio cinematográfico e consta que há notabilidades muito assustadas, com a perspectiva dos escândalos que vão ser revelados.



Jeannette Mac Donald é uma fervorosa adepta da natução. Ei-la a nadar o «cruuiz», num estilo que o próprio Weissmuller invejaria.

Loiras ou morenas?

SÉ muitas e diversas questões se têm suscitado no cinema, tanto em matéria técnica como em assuntos de arte, e ainda em face das múltiplas transformações por que a Sélima Arte tem passado, uma questão antiga se vem arrastando, sem que se chegue a uma conclusão certa, definitiva. O vasto campo da «maquillage» cinematográfica, onde tudo se consegue, tem exercido um importante papel nesta questão da preferência das loiras e morenas.

Surgiram concursos, onde se apresentaram as mais fascinantes loiras e as mais sedutoras morenas. Nas estes campeonatos de beleza, nada resolveram. Ante uma beladade de cada côr, franzi-se o sobrolho e ficava-se, na interrogativa: qual?

O cinema preocupou-se então com o caso e os cabelos de ouro impuseram-se, desejosos de conquistar esse tipo de beleza favorito.

Assim se tem mantido, há anos a esta parte. Porém, de Hollywood, acabam de lançar ao Mundo um aviso, que seriamente põe em perigo o trono do reino onde imperam as mulheres loiras.

E esse aviso, como todos os de aspecto grave, é lacônico, e resume-se numa daquelas comunicações que nem chegam a preencher um período telefónico: «As morenas voltam a chamar a atenção de Hollywood».

A confirmar-se a nova, veremos terminada a época das loiras, aquele loiro oxigenado que se apresenta na decadência em favor das morenas, consideradas modestas e pacientes.

Ultimamente, os directores de produção de Hollywood deram certas instruções, que contribuem para o desaparecimento das loiras.

Possivelmente esta determinação não abrange ainda as loiras, que sempre assim foram. A revolta, visa, por enquanto, as loiras oxigenadas.

Wesley Ruggles foi um dos muitos que protestaram contra as loiras artificiais e exigiu que Astrid Alwyn fizesse voltar os seus cabelos à côr natural, que, segundo parece, era castanho claro, a fim de interpretar o respectivo papel, no filme *Accent on Youth*.

Ruggles declarou que esta sua disposição era motivada pelo facto já estar cansado de ver as mulheres com o cabelo loiro e entender que o público é da mesma opinião.

King Vidor — ignorando a atitude de Ruggles — comunicou aos directores da distribuição, que designam as personagens da sua próxima produção *So Red The Rose*, que não queria nenhuma loira.

Vidor é de opinião, que a loira oxigenada, vai decaindo e que as morenas se tornam, dia a dia, favoritas.

Esta revolta contra as loiras oxigenadas virá definir, de vez, a questão? Não nos parece. No entanto, espere-mos pelos resultados da campanha.

A moda do cabelo loiro começou, em Hollywood, há uns dez anos, quando os técnicos descobriram que as morenas não fotografavam bem. Porém, agora, e em virtude das sensibilidades das películas, aquela opinião falhou, e os fotógrafos actuais declararam que as morenas eram mais fotogénicas do que as loiras.

E ao tomarmos conhecimento do facto, evocamos, em sobreposições rápidas, os loiros e platinados cabelos de Jean Harlow, os revoltos caracóis de Alice Faye, a cabeleira confusa e apetejada de Lilian Harvey ou a da perturbadora Mae West.

E, logo a seguir, um grupo de morenas significativas e sedutoras, como Joan Crawford, Sylvia Sydney, Claudette Colbert, e tantas outras morenas, daquele moreno que predominou através os séculos, na História e na Literatura, e que, de novo, se impõe em Hollywood!

FERNANDO A. DE SA

O artista favorito

Victor Francen, noutro dia, quando saía do estúdio, foi abordado por uma loiraça gentil, que, ofegante da corrida, lhe estendeu um album, e lhe pediu, com trémulos na voz:

— Sr. Francen! Quere-me dar uma grande alegria?! Assine aqui.

O grande actor francês sorriu. No alto da página, duma página em branco, lia-se: «Autógrafo do meu artista favorito».

Victor Francen, lisongead, acedeu. A título de curiosidade folheou o album. Em todas as páginas, a frase aduladora, lá estava: «assinatura do meu artista favorito»... E em cada uma delas, Albert Préjean, Jean Gabin, Murat, Jean-Pierre-Aumont, etc., etc. — tinham firmado o seu autógrafo...

Truques infalíveis, baseados no calcanhar de Aquiles de todos os mortais — a verdade, a eterna verdade!

O modesto comparsa

Os irmãos Marx gostam de contar esta história.

Em 1913, encontraram um artista, no decurso da sua «tournée»... Estava sem vinhetim, e contrataram-no por cem dólares por semana, para um filme qualquer... «O modesto comparsa» não sabia se devia ou não tentar a nova fórmula de espectáculo, então em plena infância.

Os irmãos Marx encorajaram-no. O outro aceitou.

Anos mais tarde era célebre! Chamava-se Charles Spencer Chaplin.

MOLOCH...

Sob este título uma revista francesa publicou um elucidativo «eco», em que se criticava, ásperamente, a atitude de certo artista, ainda que de forma velada. Como efeito, a revista em questão, entendeu que devia substituir o nome do visado e dos seus filmes, pelas respectivas iniciais. Vamos reproduzir o citado «eco», levantando a ponta do véu que o encobre e virando para a nossa moeda as somas, em francos, que nele figuravam:

«O sr. Harry Baur é um dos actores mais bem pagos. O seu enorme talento justifica, de facto, semelhante distinção.

«As Noites Moscovitas (versão inglesa) meteram-lhe no bolso 450 contos: A versão original do mesmo filme deu-lhe a bagatela de 750.

«Nas duas versões de Tarass Boulba limitou-se a ganhar 712 contos.

«Uma cláusula do seu contrato estipula que por cada dia suplementar do seu trabalho receberá uma indemnização 15 contos.

«É claro, compreende-se que o sr. Harry Baur nunca tenha pressa.

«Para um «récord» de Tarass Boulba, fizera-lhe ver que uma manhã, seria o bastante.

«Necessito pelo menos de dois dias, respondeu-lhe, simplesmente.

Como tentassem demonstrar-lhe o abuso do facto representava, subiu para o seu camarim e fechou-se por dentro. Quando o «régisseur» lhe foi comunicar que o realizador estava de acordo com tudo, Baur respondeu, magado:

«Desculpem-me! Mas estas discussões de interesses, afectam a minha sensibi-



lidade a tal ponto, que me sinto hoje incapaz de filmar...

Temos de concordar que é um bocadinho dura esta local! Mas, de vez em quando, apetece de facto escrever assim — ainda que se saiba que os resultados futuros serão os mesmos:

Harry Baur continuará a ser exigente — e disputado...

Um documentário notável

A Ufa acaba de realizar um filme, «Im Laude Widukinds» (nas terras de Widukind) que evoca a história do célebre Duque saxão Widukind, o maior adversário do imperador Carlos Magno. Essas terras formam o distrito de Enger, na Westfália, onde Widukind tinha o seu castelo. O filme abrange, nas suas imagens, tudo o que recorda esses tempos passados: a paisagem pitoresca com povoações que se tornaram historicamente notáveis, no tempo das guerras com os saxões; o antigo santuário germânico com o tempo de «Irmisul», subjugado, mais tarde, pelo advento da nova religião cristã; as lindas cidades, com casas e igrejas, que datam de há muitas centenas de anos, etc. Porém, a parte essencial do filme reside na descrição dos usos e costumes que ainda hoje se notam nas chamadas herdades dos «Sattelmeyer» situadas nas proximidades do Enger.

Os «Sattelmeyer» eram grandes feudatários na época do Duque Widukind, e os descendentes dessas famílias, vivem, ainda hoje, após 800 anos, nas mesmas herdades dos seus antepassados. O operador Kurt Stanke percorreu, durante semanas inteiras as «terras de Widukind» e focou, no celuloide, interessantes imagens de fortes características e grande valor documental. Sob a direcção de G. Nordhaus, focaram-se, depois, para fecho do filme, alguns aspectos da vida diária nas casas dos camponeses baixo-saxões, bem como uma típica festa da colheita realizada numa herdade do Sattelmeyer.

Filmes a reexibir

Norman Taurog, que está dirigindo *Shoot the chutes*, o novo filme de Eddie Cantor, enumerou, numa recente entrevista, quais os filmes que, na sua opinião, mereciam ser reexibidos e até reeditados, no sonoro. El-los:

Disraeli, Marrocos, Cimarron, A Grande Parada, Nada de novo na frente ocidental, The Guardsman, O Garoto de Charlott, A Quimera do Ouro, O meu camelo, Cavalgada, In Old Arizona, Asas, A Tortura da Carne, Holiday e o Pecado de Madelon Claudet.

Como se vê, apenas King Vidor e Charlie Chaplin figuram com dois filmes. Com um, apenas: Lewis Milestone, Sidney Franklin, Wesley Ruggles, Howard Hawks, Alfred Green, E. H. Griffith, Frank Lloyd, Irving Cummings, Victor Fleming, Edgar Selwyn e Joseph von Sternberg.

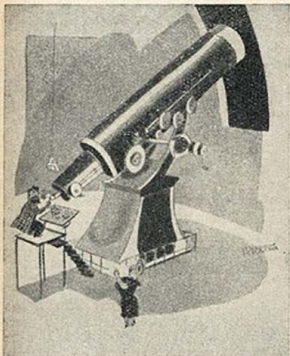
Dá impressão de que Norman Taurog quis ser amável com todos os colegas...



Eddie Cantor, em *Shoot the Chutes* e as suas três mais recentes descobertas...



—Tenho a certeza de que Frederick March não come biscoitos na cama...
(Do Life)



—Horácio! És capaz de ver o que vai no cinema aí de frente...
(Do Judge)



—Quero uma cinta que me faça mais magra! O meu marido está doido pela Constance Bennett...
(Do Bystander)



—Estás só?! Estou!... Minha irmã foi para o Cinema...
(Do Judge)

O cinema português, visto por

S
a
n
P
a
i
o

O adestramento dos portugueses para o cinema necessita, como é lógico e natural, de treino. Mas dum treino profícuo e inteligente; dum treino consciencioso, não subjugado a uma ideia comercial predominante, que desvirtue as qualidades nadas do principiante ou do iniciado.

Ora os «cem metros da lei», não atendem estes requisitos. A sua curta metragem quase não permite que se consiga fugir ao já tão falado estilo bilhete-postal.

Bem sei que nada proíbe o operador de impressionar mais algumas dezenas de metros de película; mas sei também que o distribuidor não está na disposição de adquirir um filme maior, e para mais mudo, quando tem tantos que procura colocar.

Para o distribuidor o adquirir, é necessário e indispensável que o documentário valorize o espectáculo, e só o pode conseguir caso seja um filme sonoro razoável, sobre um assunto não banal ou não banalizado.

Até hoje, só a Tobis tem executado documentários sonoros. Mas são poucos e caros. É forçoso alterar este estado de coisas. San-Paio vai contribuir para tal, adquirindo aparelhagem de captação de som. É uma notícia duplamente sensacional. Além de começarem a produzir-se mais documentários sonoros que servirão de treino a San-Paio, passamos também a contar com mais um realizador-operador que no Brasil já executou filmes de fundo e documentários.

San-Paio possui uma qualidade que tem extraordinárias vantagens para o cinema: conhece fotografia. O cinema é a fotografia animada, e por aqui já podemos avaliar quão valiosa é a cooperação dum elemento com estes conhecimentos num meio cinematográfico em que todos ou quase todos possuem escassa prática e poucas noções fotográficas.

Os projectos

Os projectos de San-Paio assentam sobre bases seguras e concretas; foram planeados por quem sabe querer e sabe o que quer.

Os documentários possuirão, em média, 500 metros. Assim já se consegue produzir uma obra homogênea, de interesse cinematográfico e documental, de valor folclórico e com qualidades espectaculares. O registro de som não pretende de início efeitos maliairísticos infundados, irritantes de pretenciosos que são. Unicamente o acompanhamento racional, coadunado ao assunto com inteligência. Os mefistofelismos darão lugar à adaptação musical conscienciosa, que valorize o assunto filmado, criando-lhe ambiente propício.

Esta será a primeira fase da actuação cinematográfica de San-Paio, pois mantém um natural e louvável desejo de produzir obras de fundo, logo que esteja possuidor dos segredos complicados e estranhos do sonoro.

Tudo isto é difícil de se conseguir num país pouco em produção cinematográfica, sendo necessária vontade inquebrantável para nos introduzirmos num meio de aparente camaradagem como é o nosso, mas que bem destrinchadas as coisas, é de nitida e prejudicialíssima desunião.

San-Paio, depois de definitivamente concluída a montagem do documentário que realizou sobre o «Cruzeiro de Férias às Colónias», vai iniciar um filme intitulado «Ruidos de Lisboa».

É, na essência, um documentário, mas vai procurar valorizá-lo, introduzindo-lhe uma ideia que motive as imagens e os aspectos a focar sem, no entanto, prejudicar o valor intrínseco das imagens em si.

O argumento

Conseguimos que San-Paio nos facultasse o argumento.

Vamos resumir o enredo, já de si resumido, de tão simples que é.

Em certa aldeia da província, imagens rápidas, apresentam-nos um neurasténico apre-

ciador de boa música. O cantar dos galos, o grunhir dos porcos, o relinchar dos cavalos, e toda a variegada miscelânea dos sons poucos eufónicos da vida rural irritam este anador de música que, para máxima desgraça, possui um tormentoso aparelho de T. S. F. Vem para Lisboa, hospeda-se no «Hotel do Silêncio», e começa a «tragédia-auditiva dos ruidos da cidade».

O «Hotel do Silêncio» seria mais justamente apelidado de «Hotel dos Ruidos», pois o amador provinciano teve a infelicidade de habitar o quarto contíguo ao dum casal com certo bambino que chora e escancara as guelas descerimoniosamente, e que tem do outro lado pacata velha que vive com um gato preto permanentemente assanhado. Para mais, a criada da cozinha e o cozinheiro mantêm românticos amores que os levam a gargantear conçonetas e mais cançonetas, e a vizinha, namora um estudante, organizador de tardias serenatas, com fados arrastados e plangentes, irritantes de fastidiosos. O cão do quintal próximo também está sempre de orelha atenta ao mais leve ruído, e ladra fortemente.

Quando vai assistir ao concerto do «Teatro Regalos», pigarros e tosses, espirros e ranger de cadeiras enervam J. Pacato — assim se chama o amador de música em questão — de tal forma que abandona o espectáculo em meio.

Imagens instantâneas mostram os trabalhos da «Comissão contra os ruidos».

O final é evidentemente, o retorno à aldeia, onde começa a descobrir uma harmonia nova no marulhar dos regatos, na balido do rebanho distante, no latir dos cães e no chiar melancólico e afastado dos carros de bois, através da quietude da vida campestre.

Trata-se, portanto, dum enredo superficial, que origina a sequência dos motivos e de forma alguma impede que se consiga um ritmo cinematográfico intenso, para que se presta extraordinariamente ao assunto.

Suprime-se desta forma o «speaker» que frequentes vezes aparece a descrever as imagens dos documentários, e que tanto irrita San-Paio.

Outro filme

Soubemos também que planeia outro documentário sobre o pitoresco da vida minhota. O contraste entre dois rapazes educados em meios diferentes, serve de motivo à apologia da vida pacífica da província, dos festejos ruidosos com Zé-Pereiras, morteiros estrondosos e fogo de vistas.



Faz tentões de estudar com muito cuidado este filme. Pensa fazer duas estadias no Minho, em épocas diferentes, para conseguir uma maior variedade de aspectos.

Um dos rapazes protagonistas vive do trabalho sadio na sua granja, com lameiros em anfitheatro, e o outro, encarna um boémio que queima, em orgias deprimentes, a fortuna herdada dos pais, que o mandaram estudar para a cidade.

Dois psicologias diferentes: uma que luta com a vida e sai vencedora, outra que se deixa vencer. Mas esta ideia vai ser conseguida sem enredos complicados, mas sim com aspectos comparativos da forma de viver, da divergência de atitudes perante um mesmo facto.

Cinema português

As opiniões de San-Paio sobre a indústria cinematográfica portuguesa são curiosas, originais e bastante equilibradas.

Discorda que se empregue um capital avultado em estúdios grandiosos e aparelhagens diversas. Não nos devemos coibir do necessário, mas aplicar nestas coisas um capital de quatro mil contos, implica necessariamente um juro correspondente, que sendo de dez por cento, equivale a quatrocentos contos anuais.

Uma empresa que produza dois filmes por ano — filmes esses para que precisa aplicar novos capitais — não pode, de forma alguma, suportar tais encargos.

Acha anacrónicos os honorários exorbitantes que certos artistas recebem, pois encarecem excessivamente o custo da produção. Querem oferecer-lhes — salvas as devidas distâncias — vencimentos correspondentes aos das vedetas célebres do cinema mundial, e só conseguem prejudicarem-se e prejudicá-los.

A mania da grandiosidade, queima muitas vezes as nossas qualidades e possibilidades, já de si poucas e escassas.

O cinema português é modesto, e assim têm que ser as montagens, e tudo o mais. Porém, nada disto impede que seja razoável, e até mesmo, bom cinema.

Mas não nos devemos esquecer que o meio é pequeno e, portanto, um filme tem pouca defesa. É indispensável ser económico, sem ser miserável. Trilhar outro caminho, é trilhar um caminho errado, que conduzirá, inevitavelmente, à falência, mais tarde ou mais cedo, da nossa vacillante indústria.

Assim falou San-Paio.

TELMO FELGUEIRAS.

SEJAMOS POR NORMA SHEARER OPTIMISTAS

As pessoas que se recusam a admitir sistematicamente, que a sorte possa um dia, ir pelo seu lado — são infelizes. Criam um ambiente a si próprios, que os persegue constantemente, que os desencoraja. Perdida essa confiança, em nada mais podem esperar.

É facilimo e reconfortante adoptar a inversa. Esperar sempre que tudo corra às mil maravilhas. Buscar o exemplo de coisas passadas. Há sempre qualquer coisa que nos anima — pois a vida é cheia de sombras e claridade.

A vantagem de olhá-la só, pelo que tem de belo, é a de reagir contra o desânimo e falta de confiança, é a de nos animar no desejo e vontade de triunfar.

* * *

Sabemos perfeitamente que as ninharias só interessam aos espiritos tacaños. Mas são precisamente estes que se impressionam com aquelas.

A vida está cheia de aborrecimentos e de vexames. Todos têm, dia a dia, o seu quinhão e a melhor maneira de os suportar é rir ou ignorá-los. O primeiro dos métodos é, no entanto, o melhor. Rir das próprias desgraças — é o melhor que há. De todos os regimes, o do bom humor é o de mais fácil digestão.

* * *

Não sei se já repararam nisto: as pessoas que mais sofreram são as melhores, para os seus amigos. E explica-se: adquiriram já, à sua custa, o sen-

tido da proporção. Sabem, por experiência própria, o valor exacto das pessoas e das coisas. Descobriram que o mundo é um espelho que só reflecte a face sorridente ou maçada que se lhe apresentar. E, é claro, desejosos de ver a seu lado pessoas alegres, para quem a sua companhia seja um prazer, falam das contrariedades da vida a sorrir, riem-se das suas próprias preocupações — estão sempre alegres e de bom humor. E, desta forma, têm duas vantagens: nunca são abandonados pelos seus amigos e conseguem revestir-se dum optimismo indomável.

* * *

Triunfar na vida depende, claro está, de nós próprios, da nossa facilidade de sorrir.

O mundo é um juiz demasiado sagaz para se enganar. Tem uma espécie de instinto para adivinhar a nossa maneira de ser, através da forma por que se conduzem. Sabe perfeitamente que as pessoas alegres são almas bem formadas. É a marea dos que encaram a vida com confiança no futuro; dos que são tolerantes para com as fraquezas dos outros, etc.

As pessoas estúpidas, as pessoas que não sabem rir, são sempre pretenciosas e vãs; são cruéis, injustas e duras.

Deixem sempre brilhar um sorriso na vossa face. Adormeçam a sorrir, para acordar a sorrir também...

NORMA SHEARER

As pessoas mais invejáveis deste mundo são aquelas que recebem todos os contra-tempos da vida com um sorriso. Por muito paradoxal que isto vos pareça, a verdade é que as grandes arrelias, desta vida são filhas de pequenos nadas.

Conheço pessoas, que, suportam, com um estoicismo admirável, os maiores revezes da sorte, mas que perdem a cabeça, se o botão do colarinho ou o alfinete, de que precisam, não estiver no seu lugar.

O segredo da felicidade consiste em suportar com um sorriso as pequenas contrariedades desta vida.

Tenho ouvido dizer que os facilmente irritáveis são os mais bem servidos. Os melhores quartos do hotel são para eles; a melhor poltrona, é para eles; os criados correm, pressurosos, a servi-los, enquanto nós esperamos pela sopa; e as histórias que contam, nos raros momentos de bom humor, por mais inspidas que sejam, acordam sempre francas e ostensivas gargalhadas...

Pode ser que seja assim. Mas não os invejo, porque pagam com lingua de palmo, as distinções de que são objecto. No fundo, sentem-se sempre insatisfeitos e infelizes.

* * *

Há pessoas que gostam de alardear as suas infelicidades. Sentem uma alegria enorme em apregoar aos seus amigos e pessoas conhecidas de que não há ninguém mais digno de lástima do que eles. Nunca sorriem. Vivem no meio da mais sombria tristeza. Aparecem nos recintos de diversão, com ar lugubre e transmitem aos outros a sua má disposição íntima, contínua e inexplicável. Não os lamento. Não porque me não inspirem dó. Mas sei perfeitamente que essa infelicidade lhes dá prazer.

Quem não os conhece?! Há-os em todas as classes sociais. Todos nós conhecemos um, entre as pessoas com quem estamos relacionados. Não têm remédio. São incuráveis.

* * *

Estou convencido de que as pessoas tristes e pessimistas, querem ter a sorte sempre adversa. Agiram mal de tudo aquilo em que se metem. Depois, agarraram-se aos mais pequenos pretextos, e exageraram-nos, para mostrar que se não enganaram.



M U L H E R



Como se sabe, o filme de Marlène Dietrich, *Mulher Satânica*, foi interdito, em todo o mundo, em virtude da imposição do Governo Espanhol, que o considerava desprestigiante para o seu país e para o seu exército, nomeadamente para a guarda civil.

Por nos parecer interessante e oportuno, damos, a seguir, o argumento do mesmo filme.

Carta de Concha Perez (Marlène Dietrich) a António Galvan (César Romero).

António:

ESTOU ainda esgotada pela intensidade das emoções e dos trabalhos que a vida, nos últimos dias, me tem levantado. Tu, já a salvo, por terras de França, estarás zangado comigo por te ter deixado partir sem te acompanhar, como te prometera, e, acreditada, como prometera a mim própria.

Que queres?... A vida é assim, feita de fatalidade e de sofrimentos, de ilusões amaranhadas, no mais íntimo da alma, entre sorrisos e mentiras, pois falham os que choram e os que se conservam puros...

Não te devo repetir, pois talvez já não me acredites, que és e serás sempre, o único homem que verdadeiramente amo, que não posso olvidar.

Não sei porque requinte de crueldade fatalista a Vida, na tarde de Carnaval que certamente recordas, nos pôs diante um do outro, tu, um desterrado político minado de saudades, a calcurniar o país que te condenara à morte, eu, no meio de tantas, onde me distinguiste, a seguir o ritmo da minha existência fria e interesseira, de mulher que nunca acreditou na felicidade do amor, que vive a enganar os homens.

Também não sei o motivo porque eu não consegui ter, para ti, o mesmo sorriso mentiroso que costume ter para todos, enlaçante e sedutor, como dizem as loucuras dos meus amantes e a morte desse pobre doido que por minha culpa se suicidou.

Menos ainda, sei a causa que, nesta Sevilha, sempre agitada, florida e bulhosa, fez rir dois homens, tu e D. Pas-

cual Castelar (Lionel Atwill), amigos do fundo da alma, loucamente afastados pelo ciúme, de que só eu fui causadora, tão involuntária como fatalmente.

Sei que ele te contou tudo, no dia em que esperavas por mim na praça do Córso, durante o vosso primeiro encontro, depois que voltaras escondido do desterro. Sei que te avisou dos perigos que corriais, se te deixasses prender nas malhas da minha sedução, ou se fosses descoberto pela polícia. Pobre de mim, presa estava eu e de tal forma, que nunca, pela vida fora, poderei desatar os laços que os teus beijos deixaram à minha volta. Sei que te contou como eu arruínei a sua existência, cor-

tando-lhe a carreira, pois foi por mim que perdeu o posto de capitão e grande parte da sua fortuna. Disse-te também como eu o atraí com o toureiro e com tantos outros, que depressa esquecia...

Tudo o que ele te disse era verdade. António, mas eu não o podia amar exactamente porque ele era fraco demais, porque se deixava vencer pela mentira dos meus olhares e das minhas súplicas. Tu mesmo viste que, depois de todo o mal que lhe fiz, me procurei a esmolar o meu amor... quando eu estava nos teus braços, quem sabe se feliz, pela primeira vez e também pela

última. Realmente eu fui, então feliz. Mas a Vida é cruel e plena de fatalidades; e aquele estúpido duelo que vocês, dois grandes amigos, aprazaram por minha causa, destruiu quanto tinha sonhado.

Lembras-te, quando te avisei de que ele te mataria, por ser um grande atorador? Sim! Certamente, tu sabes e recordas tudo, pois tudo foi agitado demais, para que algum de nós o possa esquecer.

Mas o que talvez não saibas é que enquanto tu disparaste, visando o alvo, D. Pascual descarregou para o ar porque lhe suplicara eu que não matasse o único homem que tinha amado.

Não deves saber também, que foi mentindo mais uma vez, sorrindo com vontade de chorar, que obteve do Governador os passaportes, que nos haviam de levar para a Felicidade...

Ah! como é amarga e variável a existência! Se alguns dos que acompanharam as minhas noites de mulher livre, quando estava na fábrica ou quando exhibia perjuramente os meus baídos, lesse esta carta, trocaria, a vida inteira, da mulher que, segundo dizem, fez tanto mal clinicamente e agora tu vês vencida, pelas desgraças que lhe trouxe o seu único amor...

Também eu fico, às vezes, a pensar assim, e cada vez me convenço mais de que seria melhor não ter amado.

Dirás que não te segui porque não quis. Bem sei. Mas ficava sozinho, ferido gravemente por uma bala tua, o homem que no fim de ser, por minha culpa, tão desgraçado, teve alma suficiente para, a um pedido meu, te poupar a vida...

Não posso! Ficava em Sevilha uma dívida de gratidão, ficava por pagar aquele sorriso bom e melancólico, com que recebeu o meu pedido. Noutra época, seria incapaz de lhe pagar, agora, modificada como estou, não posso viver sem isso.

Adeus! Perdoa-me, que sou bem desgraçada e faz por esquecer aquela mulher fugitiva que nunca se esquecerá de ti. — Concha Perez.

p. c. FERNANDO GARCIA



SATÂNICA

UMA carinha redonda... cabelos arruivados... Dois olhos muito grandes e um queixo engraçado... Doce... doce... doce... Há dez anos que é assim! Há dez anos que a vemos, como uma ingénua, sempre com a mesma carinha redonda, os mesmos olhos espantados, o mesmo queixo engraçado.

A sua imagem, na tela, permaneceu imutável! Mas a sua carreira tem sido árdua e acidentada. Marquemos as respectivas etapas.

25 de Abril de 1925

Janet Gaynor é então uma das muitas americanazitas, que sonham com o cinema e que invadem as agências de Hollywood. Pela primeira vez, Janet consegue que reparem nela. Resolve entrevistar um dos maiores realizadores de então, Edwin Carewe, e pergunta-lhe «o que é preciso para uma pessoa se tornar vedeta de cinema».

Carewe responde a tão embaraçosa pergunta: «É preciso ter coragem, tenacidade, paciência, docilidade e entusiasmos».

Por seu turno, interroga a visitante. Quere saber quais são as suas ambições. Ela não tem papas na língua: «Gostaria de desempenhar um papel dramático, o duma mulher frágil, humilde, terna, mas perseguida pela pouca sorte».

Os jornais reproduzem a dupla entrevista. Janet Gaynor lê-se notar duma forma original. Em Hollywood, aprecia-se muito a originalidade, e as pessoas que se fazem notar dessa forma são distinguidas pela simpatia geral.

A ideia da entrevista não foi de Janet, mas do seu noivo, Herbert Moulton, um jornalista vivo e decidido, como aqueles que nos revelam os filmes americanos. Ele não

se importava com o cinema... Queria apenas assegurar a Janet a glória e a fortuna. E, em boa verdade, conseguiu-o.

17 de Outubro de 1926

Dias depois, apresentou-a a Irving Cummings, que obteve, para ela, um contrato da Fox. Janet foi escolhida por Borzage, para interpretar a *Hora Suprema*. Moulton fica louco de alegria. E tem razão para isso!

6 de Maio de 1927

É a estreia de gala do filme. Janet, dá o braço a Charles Farrell. Verem-se e amarem-se, fóra obra dum momento. O idílio, que se acentuava, à medida que as diversas cenas se iam registando, estava nessa altura no auge do entusiasmo, e contribuiu para dar à *Hora Suprema*, aquele ambiente de ternura e de felicidade, que era o seu maior encanto.

No dia seguinte, após uma cena violenta, Janet desfaz o seu casamento com Moulton, que aliás, não passava dum jornalista — sem importância...

30 de Junho de 1928

Janet Gaynor e Emil Jannings são designados pela Academia de Artes e Ciências de Hollywood como os mais notáveis intérpretes do ano anterior. Ela, no *Sétimo Céu*. Ele, em *Variedades*.

Bravo! Em tão pouco tempo, não se pode fazer mais!

A CARREIRA de

12 de Setembro de 1929

Janet Gaynor, às 9 horas da manhã, casa com Lydell Peck, um advogado novayorquino.

18 de Fevereiro de 1930

Janet Gaynor abandona mais uma vez os estúdios da Fox, fechando a porta com manifesto desespero. Negara-se a filmar, sob a direcção de Frank Borzage, em virtude dum jornalista ter dito: «o talento da Gaynor — é Borzage».

A doce ingénua, que devia encarnar o papel de Júlia, em *Liloon*, embarca então para o Hawaí. No barco, encontra-se com Charles Farrell que casara, dias antes, com Virginia Vally. O encontro diverte-a. Mas Farrell, para fugir aos ditos e às más linguas, anula o seu bilhete e desiste da viagem.

Foi pior a emenda do que o soneto... Em Hollywood, não se fala noutra coisa...

8 de Abril de 1933

Janet Gaynor divorcia-se. Motivo: Lydell Peck lê as cartas que ela recebe, troça dos seus admiradores e sublinha, nas críticas, tudo quanto elas têm de desagradável. Além disso, entra no seu camarim sem pedir licença, e dá mostras de ciúme, ridículo. O divórcio é decretado e Janet Gaynor separa-se de Lydell Peck, que não passava dum advogado rico...

17 de Março de 1934

Para dar uma satisfação às solitações de milhares de espectadores, a Fox reúne novamente o célebre par doutros tempos: Farrell e Gaynor. Gaynor, numa entrevista, declara que prefere o facto, aquilo que se deu na *Feira da Vida* em que o verdadeiro herói do filme era um porco... Sempre lisonjeira para o seu parceiro do *Sétimo Céu*...

9 de Fevereiro de 1935

Janet Gaynor tem um novo parceiro: Henry Fonda... Um novo «flirt»: o dr. I. G. Veblen, dentista em Nova-York... Um novo «bungalow», em Alta Lona Drive.

E continua a ter também a mesma carinha redonda... os mesmos olhos muito grandes... e o mesmo queixo impertinente.

3 de Setembro de 1935

Simone Simon embarca para Hollywood. E é curioso, tem as mesmas características físicas que fizeram o êxito de Janet Gaynor. Mas esta é apenas uma ingénua do cine-



JANET GAYNOR



ma. E a Fox contratou Simone Simon, para aqueles papéis que poderia dar a Janet Gaynor...

9 de Novembro de 1935

Fala...senovamente, em reeditar *O Sétimo Céu*, a «hora suprema da Gaynor». Na nova versão, os intérpretes principais serão os mesmos... Janet encontrará o êxito doutros tempos?

Cremos que não! E o seu caso é dos mais dolorosos de Hollywood... O da celebridade máxima, obtida através da sua actuação num único filme, — e que nunca mais foi confirmada nos subsequentes...

e os caprichos da SORTE

do filme — vai ganhando a sua vida. O Zé Maria — Nascimento Fernandes — é empregado mesmo ali de froote, na fábrica de sabonetes Santa Clara. Como bons vizinhos, travam uma lição.

do filme — vai ganhando a sua vida. O Zé Maria — Nascimento Fernandes — é empregado mesmo ali de froote, na fábrica de sabonetes Santa Clara. Como bons vizinhos, travam uma lição.

Vale a pena demorarmos-nos um pouco a falar no Zê Maria. Além de ser a

Vale a pena demorarmos-nos um pouco a falar no Zê Maria. Além de ser a



Fôlbas?

A razão ser das coisas preocupou-me sempre. Concomitantemente, a razão porque o filme se intitula *Trêvo de quatro folhas* desde há muito tempo que me atormentava. Nunca quis perguntar, pois tinha o meu próprio preconceito: a ideia de que o motivo da existência do título, Escutei conversas, li notícias, conversei e tomei a liberdade de olhar. Cheguei quase a perder as esperanças e, afinal, quando menos esperava, ao voltar saízinga por entre os cenários construídos ao ar livre, descobri a razão: o título, o qual é o *Trêvo de quatro folhas*, a questão é a chave do mistério.

E aqui no *Trêvo de quatro folhas*, que está de Beatriz Costa — a Manuela

principal personagem do filme, é bom
conhecido, bem

— Zé Maria tem a infelicidade de ser parecido com muitas pessoas. Podia aproveitarse do facto em beneficio próprio e conseguir situações vantajosas, por processos mais ou menos honestos. Mas succede-lhe precisamente o contrario. Por cobardia — o Zé Maria é um

timido — não se identifica quando é tomado por outra pessoa. Isso traz-lhe sempre consequências desastrosas. Chegou a passar por histeria e acaba por parar à cadeia. Devemos, portanto, conhecer da triste sorte do Zé Maria e como ele passava freqüentes vezes pelas ruas de I.ªboa, encarnado em Nascimento Fernandes, recomendando, novamente, que é bom conhecê-lo bem!

O realizador do filme é Chianca Garcia. Tem como assistente Brum Canto. São dois nomes com que o cinema pode e deve contar.

Estão com entusiasmo a trabalhar num filme português, diferente das outras películas portuguesas.

O Trevo de quatro folhas tem uma ação que se desenvolve com seqüência, sem salto bruscos, dentro de um puramente cinematográfico e num a

«Travellings» frequentes, cenas es-
coras, ambientes civilizados e mu-
mais que não estamos habituados a
em filmes contemporâneos.

Trevo de quatro folhas é uma comédia que pretende proporcionar um espectáculo agradável. Este pouco conhecido

Uma frase de Chianca de Garcia creliza, absolutamente, o seu pensamento: «Eu pretendo que *Trevo de quatro folhas* seja no cinema o que *O Cão de Barão* foi no teatro. Já me sinto feliz».

Os cenários são qualquer coisa
unível. Neil do Amoral e Bernard
Muniz fizeram obra digna das
obras anteriores.

Conseguiram criar uma Lisboa qu-
lidade.

O paquete Arlzonza atracou no Lami-
gruças a Keil e a Marques,
«Hurs», salas e mais salas, cadei-
corredores e «decks», tudo se manti-
desnuda na nossa officina de cine-
ma.

Frederico de Freitas está encarregado da história do filme.

O tango, o fox e o samba vão
o delírio dos próximos bailes de C
naval (para mais também lá no fik

A marcha é o número mais popular garantidamente que três dias depois estreia já toda a Bahia cantando essa música da Treva.

O som tem ficado magnífico e é sempre captado na altura em que se filtra

Vi inúmeras fotografias do filme. Devo confessar que o operador Dalcón "que verdade" as maravilhas. Tinha uma extraordinária noção de luzes e sombras. Com estas últimas, conseguia por vezes, dar aos corpos um relevo um volume muito curiosos.

Ficamos de voltar aos estudos de tro em breve. As ovidades que encolhermos junlaremos algumas que a da nos sobraram desta reportagem.

TELMO FELGUTRAS

Manuela-Rosita

De nenhuma das vezes menti! A Beatriz gosta de ser amável e não receia não nos apradar na costureirinha Ma-

Crónica da Semana

NAS columnas desta revista, levantou o seu director um brado de justicadíssimo protesto contra o lancinante drama em cem metros, intitulado «O documentário português».

Visto o problema da fila A à fila Z de qualquer plateia, isto é, no lugar do público, a quem afinal se destina o espectáculo, torna-se incompreensível essa passagem de estradas com burrinhos ou sem eles, de meninas quasi sempre feitas encostadas a árvores nem sempre bonitas, de vistas parciais de vilas de decima quinta ordem, tudo isto acompanhado do fado corrido ou de um vira-mão menos corrido.

A disposição especial que obriga a exhibição dos cem metros de filme português foi criada com a melhor das intenções — ninguém o ignora — ainda no tempo do cinema mudo. Mas, o que corresponderia num jornal a crónica breve e ligeira, redundou num espaço branco eulatório entre quatro anúncios, com a palavra de convite «Vágo».

O aperitivo nacional, antes do prato de resistência, transformou-se na sopa indigesta e muitas vezes requeimada.

E passámos todos a ir para o cinema, quinze minutos mais tarde do que a hora marcada.

A única qualidade que encontramos ainda hoje nos tais documentários é a de pôr em destaque o caminho percorrido pelo cinema, até à era fase actual. A comparação, já se vê, produz um efeito hilariante em nada inferior ao provocado pelas revistas com figurinos das modas de 1900.

Também não deixa de ser interessante, para quem cultive a flor da saudade, ao ver andar um boi, com caseos farrados de crepe de Ceilão, à roda de uma noria que não chia (?), recordar os tempos em que se ouvia o René Bohel e se fumava regularmente um cigarro, a olhar para a artista preferida.

* * *

Se a exhibição dos documentários mudos portugueses é hoje um verdadeiro anacronismo, os filmes coloridos podem ser considerados ainda como manifestações fulgurantes.

O que não quer dizer que não tivéssemos assistido com todo o interesse ao desenrolar da «Cucaracha». Tanto mais que estávamos preocupados contra a natural reacção que as coisas novas sempre causam. O exemplo do satoru é muito recente; poucos foram aqueles que não receberam com franca má vontade uma manifestação de progresso sem dúvida dispendiosa, mas muito de apreciar.

O sr. Kalmus tem garantida uma lápide na casa onde nasceu, e embora saiba de antemão que não poderá assistir à comemoração do centenário do seu processo científico, pode ter, em compensação, a certeza que tal se dará.

Se a fé remove as montanhas, a força do hábito conserva-as quasi eternamente no sítio onde estejam. E a gente pergunta a si próprio (sem arriscar uma resposta que pode bem ser precipitada) se o colorido, como já se deu com o sonoro, não prejudicará grandemente alguns dos aspectos mais característicos da arte cinematográfica.

Diz-se que a realização de filmes coloridos é bastante dispendiosa, mas dificuldade maior será talvez exigir do realizador, além das muitas qualidades requeridas pelo cargo, ainda a da posse dum gosto apurado na escolha das cores. E, pelo menos as senhoras sabem bem que a empresa não é fácil. Os críticos, por seu turno, ver-se-ão seriamente embaraçados, neste particular, «porque gostos não se discutem».

Enfim, nada nos admira se daqui a tempos todos os filmes se apresentarem coloridos, o que, mais não seja, terá a vantagem de nos poderemos certificar se realmente a Greta Garbo tem sardas ou não.

* * *

A ilustre cantora brasileira Bidu Sayão, antes de pisar o palco de São Carlos, deu conta a Cristóvão Ayres das suas apreensões quanto à responsabilidade de enfrentar um público, que sabia, por tradição, ser muito exigente. Mas a resposta veio sossegada: — perante o público português, uma cantora bonita tem garantido metade do sucesso...

O cinema a cores não nos podia ter enviado melhor embaixatriz. Se «Cucaracha» é um filme cem por cento colorido, não é menos cem por cento... Steffi Duna.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Madge Evans, em o encanto das tardes de inverno...

Vem aí a «Viuva Alegre»!

FINALMENTE vai ser satisfeita a grande curiosidade dos cinéfilos porluenses. Interessa que plenamente se justifica por diversos factores, mas, sobretudo, pelo facto de esta cidade, quasi estava sendo colocada em plano de inferioridade, em relação, até, a muitas terras da provincia, apenas pela orgânica do negócio da distribuição, quasi sempre mal compreendido e injustamente apreciado.

No entanto, devido à iniciativa, ouvida e louvável, da gerência do São João Cine, foi resolvido um problema que deveras interessou os meios cinéfilos do burgo. Vem aí «A viuva alegre»!

Este filme, que na época transacta foi apresentado em Lisboa, com sucesso, esteve quasi a ser condenado a visitar o Pôrto, mas a grande nova da sua vinda confirmou-se, devendo esta produção ser apresentada, na próxima semana, simultaneamente, nos cinemas São João e Águia de Ouro.

O mais curioso do assunto, não foram as inúmeras «demarches», puramente comerciais, que se realizaram para a exhibição desta película. O mais interessante e sintomático é a discussão que o caso suscitou.

Esse entusiasmo — que sempre nos é gratíssimo registar — revela, concretamente, o ambiente de solicitude e ca-

Carta do Porto

rinho que o cinema alcançou nesta cidade, no meio de uma falange numerosa e heterogénea que, dia a dia, vem engrossando as suas fileiras, num movimento altamente compensador, sob o ponto de vista moral, de tantos esforços feitos, em holocausto à arte imperante na actualidade.

Os velhos cinéfilos

«No meu tempo é que era...» ouve-se, a cada passo, nos corredores dos nossos salões.

Esta frase simples, banalíssima, revela, aos profanos e aos novos, uma tendência para o retrocesso, mas as características, absolutamente definidas, de duas gerações de cinéfilos.

Quando da aparição do cinema em Portugal, o Pôrto, que nesse tempo, mais do que agora, sabia secundar todas as iniciativas aligeradas no progresso renovador, recebeu o novo género de espectáculos com um admirável entusiasmo. Esse entusiasmo enraizou-se mais, quando o cinema adquiriu uma incontestável feição artística, sobretudo através das produções italianas, a princípio, e depois das francesas.

Ora o público desse tempo, tendo-se conservado fiel aos seus gostos, à sua predilecção, continuou seguindo o desenvolvimento da arte, sem nunca esquecer, no entanto, as noites inolvidáveis que a arte cinematográfica, no seu início, lhe proporcionou, através de numerosíssimas obras primas. Hesperia, Bertini, Jacobini, Menichelli e tantas outras estrêlas, souberam fazer crepitar o facho de admiração, através de inúmeras criações, em que o seu talento exuberante dominava as multidões.

Veio, depois, a época da Greta Garbo, da Brigitte Hehn, da Marlène, da Lilian, da Katharine Hepburn, e com elas outra geração, outros gostos outra técnica, outro progresso.

E o cinema, na sua marcha ascendente para o triunfo, arregimentou novas legiões, entusiasmo por novos processos, estabeleceu-se em novas modalidades, o que não passa despercebido aos que o souberam acarinhar na sua infância.

Sem menosprezo para os cinéfilos mais novos, antes com todo o respeito e entusiasmo, pela sua mocidade e até pela sua irreverência, é justo não esquecer aqueles que embalsamaram a arte em menina e que agora, num desabafo, por vezes cheio de ternura e saudade respeitáveis, nos lembram o cinema do seu tempo...

Não cabe no acanhado espaço destas notas, feitas quasi sempre sobre o joelho, o estudo dessa geração que preparou o campo da actividade do cinema de hoje.

Mas, quando os vejo, quando os encontro, quando os ouço, recordo essa época da propaganda, em que, no Pôrto, eram apontados como maniacos, os cinéfilos que previram a grande glória do cinema, mas apontados por aqueles que hoje não fallam a um filme e têm as fotografias das estrêlas preferidas, caprichosamente emolduradas à cabeceira da cama...

CARLOS MOREIRA

LIL DAGOVER

LIL Dagover deve a várias peripécias verdadeiramente românticas a sua descoberta como estréla de cinema. Toda a sua vida é um romance. Lil Dagover nasceu, entre arrozais e palmeiras, num lindo «bungalow» em Pati, na ilha de Java. Tinha seis anos quando lhe morreu a mãe. O pai um silvicultor alemão, ao serviço do governo holandês, saído da Europa, regressou à sua terra natal. Principiou, então, o período de internatos na vida de Lil Dagover. Esteve em Baden-Baden, Lausanne, Genebra, e por fim em Weimar...

Uma noite, nesta última cidade, Lil foi ao teatro, assistir à representação de uma peça de Goethe, em que o actor Fritz Daghofer representava o papel principal. «Coup de foudre»... Lil apaixonou-se cegamente pelo artista e, no dia seguinte, enviava-lhe uma carta, repassada de ternura, e assinada: «a mais fiel das suas admiradoras».

E, como no cinema, seis meses mais tarde, Lil Dagover casava-se com ele, contando, então, pouco mais de dezassete anos de idade...

Em Weimar, falava-se dela, da sua beleza singular. Em toda a parte, tornava-se notada pela sua formosura. Houve até quem ao vê-la, na rua, lhe dissesse abruptamente:

—Eis uma linda mulher para o cinema. Permite-me que me apresente...

Mas não ponde continuar, porque Lil dirigiu-lhe um olhar de indignação, ao mesmo tempo que afirmava achar original, e muito especialmente em Weimar, aquela maneira de se acercar de uma senhora.

E ali mesmo o deixou, seguindo o seu caminho, sem sequer adivinhar que aquele cavalheiro era um dos mais célebres realizadores, que se oferecia para lhe abrir as portas da Sétima Arte.

Nessa mesma noite, realizava-se em Weimar uma festa artística. O realizador em questão encontrou-se ali com um velho conhecido, o actor Fritz Daghofer, que não via há muitos anos, e a quem contou o encontro que tivera, na rua, com uma «senhora distinta e extremamente formosa, de caracóis pretos, e que lhe havia dado uma resposta azeda, por ele a ter pretendido para o cinema». E, tal qual como nos filmes, a porta abriu-se, e Lil Dagover apareceu, divinamente formosa, no seu vestido de seda. O director mal ponde conter a sua emoção...

—Olha, ela aí vem... Queres apresentar-me?

—Com todo o prazer — respondeu Daghofer, antegozando a sensação que as suas palavras iam causar no amigo — «apresento-te... minha mulher!»...

E, ainda como no cinema... meses depois, Lil Dagover filmava, pela primeira vez, em Berlim. O seu nome sofrera uma pequena



alteração. De Daghofer, tornara-se Dagover. Nesse tempo, em 1922, triunfava ainda o filme mudo. A estreia da talentosa artista em *A morte cansada*, foi tão estrondosa que passou a ser imediatamente uma das maiores intérpretes da cena muda alemã. Seguiram-se muitos outros filmes, que perfazem hoje um total de 60, e quasi todos para a «Ufa». Entre os que interpretou, e que ainda hoje são lembrados entre os melhores, contam-se *O Gabinete do Dr. Caligari*, *A Crónica de Grieshus*, *Ticland*, *O amor é cego*, *Tartufo*, *O favorito de Schönbrunn*. De triunfo em triunfo, entrou para o sonoro, onde obteve igualmente muitos êxitos grandiosos, que confirmaram o seu talento.

Lil Dagover foi muitas vezes imitada, mas nunca igualada. Todo o encanto desta actriz reside no seu porte distinto e nos seus gestos delicados e graciosos. Chega a ser inconcebível supô-la a pronunciar uma palavra que seja em voz alta. Seria uma dissonância insuportável. Em Lil Dagover, só há distinção, estilo, graça e dignidade.

A formosa artista trabalha actualmente em Neubabelsberg, nas filmagens da nova produção da Ufa *Der höhere Befehl* (Ordem Suprema), sob a direcção de Gerhard Lamprecht. A seu lado trabalham Karl Ludwig Diehl e Heli Finkenzeller nos papéis principais. O novo filme tem um enredo interessante, que se desenrola em 1810 na pequena cidade alemã de Perleberg, cujo governador militar é Ludwig Diehl, herói do filme, que luta corajosamente pela sua Pátria.

Lil Dagover senta-se, durante um intervalo, a um canto do estúdio. Veste um «robe» cor de rosa, de cauda, e traz na cabeça um lenço vaporoso, que só deixa ver algumas madeixas do seu cabelo negro.

—Faço o papel de uma espia francesa, que é também cantora de uma companhia dramática parisiense — declara, quando a interrogamos. — O que torna interessante o papel da Madame Martin, que eu interpreto no filme, é a nota simpática e humana da espia, que enfrenta os maiores perigos, não por espírito de aventura, mas por amor à sua pátria. Acrescentarei apenas que Madame Martin acaba tragicamente no nosso filme.

Lil Dagover fala, com a sua distinção de sempre, de muitas e variadas coisas, e entre elas refere-se também aos seus projectos para o futuro. Depois deste filme da «Ufa», irá interpretar mais dois ou três, que já se encontram em preparação. Pelo Natal, trabalhará também no Deutsches Theater, um dos melhores de Berlim, interpretando o papel principal de uma peça chamada «Conto de Innon».

Berlim, Dezembro de 1935.

M. SANTOS E SILVA.

(Especial para «Cine-Jornal»)

RAINHA DE ELEGÂNCIA

O filme de maior
êxito presente-
mente em França

Os grandes filmes de espionagem não necessitam habitualmente de publicidade em Portugal. O nosso público tem por esse género de películas um interesse sempre renovado e é ele quem, naturalmente, se encarrega de indagar quando e onde passam.

«Brigada Secreta» (no seu título original: «2^{me} Bureau»), realizada por Pierre Billon e interpretada por Jean Murat e Vera Koréne, tem corrido em tôda a parte com um extraordinário sucesso. Só em Paris, no Cinema Aubert Palace, onde a lotação não ultrapassa 650 lugares, a «Brigada Secreta», que foi retirada em pleno êxito, por motivos de novos contratos entre a empresa do Aubert e outras



B r i g a d a



firmas distribuidoras, obteve, apesar disso, mais de um milhão de francos de receitas.

Também em França, nada menos de dezoito jornais da província, publicam, actualmente, em folhetim, o romance de Charles Robert Dumas, donde foi extraído o argumento da «Brigada Secreta».

É este o filme que a Sociedade Universal de Super-Filmes, L.^{da}, apresenta brevemente no elegante Cinema Tivoli, como mais um marco da sua gloriosa actividade de primeira casa distribuidora do País. O programa que o exigente *Tivoli* vai exhibir é daqueles que o público de Lisboa e da província não esquecerá.

É uma obra prima de movimento, de interesse e de conflito entre duas forças terríveis: a espionagem alemã e a espionagem francesa.

[Exclusivo e distribuição da

S. U. S.

AVENIDA DA LIBERDADE, 73-1.º

S e c r e t a

Walter Disney

Na semana passada, exibiram-se, em Lisboa, três filmes de desenhos animados coloridos de Walter Disney, dos melhores e dos mais recentes realizados pelo inimitável criador do rato «Mickey» e das «Silly Symphonies»: Louça da China, no Tivoli; A Cigarra e a Formiga, no Palácio e Oitônio; e Os Coelhos Mágicos, no São Luiz. Três maravilhas, três obras-primas, que o público admirou, encantado.

Não se pode, pois, negar a oportunidade deste artigo, onde, a traços largos, se faz o elogio do artista e das suas obras, consagradas, aliás, pelas mais altas notabilidades do mundo inteiro — e pela massa anónima dos espectadores que, vê, nelas, a expressão mais bela da Poesia, na tela branca!

A pura verdade

Uma biografia duma celebridade da tela, para não fugir ao estilo habitual, deve começar por relatar os penosos inícios do biografado, as dificuldades financeiras que o assaltaram nos primeiros anos da sua vida; a incerteza do dia de amanhã; e o despeso a que os outros o voltaram. Se se quiser carregar a nota, pinta-se o quadro mais negro; cobre-se o campo com o branco manto da neve; proclama-se orfão e vítima de maus tratos de corações endurecidos, etc. É fácil, romântico e sentimental.

A vida de Walter Disney não foge à regra... Foi também penosa a princípio. Com carradas de talento, não conseguiu convencer os outros daquilo de que era capaz. Sofreu muito, antes de conquistar o seu lugar na vida.

Como vêem, a biografia é fértil em motivos a explorar. Mas é uma excepção à regra, afinal — porque todos os factos que se apontam são a expressão rigorosa da verdade.

Vendedor de caramelos

Nasceu a 5 de Dezembro de 1901, em Chicago, no Estado de Illinois. Seu pai chamava-se Elias Disney, e era irlandês-canadiano. Sua mãe, Flora Call Disney, alemã-norte americana. Dir-se-ia filho da Sociedade das Nações...

A infância foi triste. Começou por ser vendedor de jornais, o mais duro, o mais extenuante dos «ofícios», para um rapazito da sua idade.

Conseguiu frequentar mais tarde o curso de Belas Artes, um curso gratuito, de interesse reduzido — e quando se apanhou com a carta de «Bacharel formado em Belas Artes» viu que não arranjava trabalho — e fez-se vendedor ambulante de rebuçados e caramelos...

Voluntário na Grande Guerra

Entretanto rebentou a Guerra. Na América, ao som de marchas militares, os voluntários desfiliavam, marcialmente. Havia serpentinas, no ar. As raparigas acenavam com lenços e gritavam de entusiasmo. A guerra era uma aventura deliciosa, depois da travessia do Atlântico — dez dias pelo mar, com emoções de minuto a minuto, pois os submarinos rondavam perto... Que mais podia sonhar um vendedor de caramelos?!

Na Repartição de Recrutamento não o quiseram. Era muito novo ainda — e mais garoto parecia ainda, assim franzino e esgrouviado, como era. Pensou então em alistar-se no Exército Canadano. Também o mandaram embora. Finalmente, conseguiu alistar-se na Cruz Vermelha, como «chauffeur». E, sob a metralha, o camião que conduzia

distingua-se de todos os outros. Estava pintado, de alto a baixo, com os mais curiosos e inesperados desenhos, concebidos pela mente humana...

Assim nasceu a ideia...

Desde miúdo, teve a paixão do desenho. Adorava a fotografia, que não cultivava em mais larga escala, por ser uma arte, demasiado cara. De modo

que, finda a sua aventura na Flandres, e quando pensou em arranjar modo de vida, lembrou-se de associar a fotografia e os desenhos.

E foi assim que nasceram os desenhos animados.

O Rato Mickey

O cinema estava, então em pleno de-

seenvolvimento. Eram preciosos capitais, ainda que pouco avultados, para a Empresa a que se propunha. Conheceu, nessa altura, um rapaz que tinha um nome esquisito: Ubbr Iwerks, o mesmo que mais tarde, se havia de celebrar na realização de filmes como os de Disney. E deitaram mãos ao trabalho. Alugaram uma velha garage — e aí nasceram os seus primeiros ensaios. Começaram por reclamar sabão macaco e margarina... Tentaram, depois, actualidades-desenhadas, que focavam os acontecimentos locais de Kansas City. Vendeu as primeiras, e as seguintes.

Um belo dia, travou conhecimento com o rato Mickey. Enquanto comia, um ratito acerrou-se de leve. Alirou-lhe umas migalhas de pão. O rato habituou-se àquela refeição inesperada — e voltou nos dias seguintes. Baptizou-o primeiro com o nome de Mortimer. Chamou-lhe depois «Mickey», que quer dizer «Miguiloto».

E não descansou, enquanto não trans-



portou para a tela, a sua imagem viva e azoogada na feliz estilização que o celebrou...

A rã da fábula

Os primeiros filmes foram recusados por todas as firmas. Achavam-nos inspidos, sem piada, sem graça.

Mas Disney não desistiu. A velha garagem transformou-se, fez uma sociedade com o capital, por ações.

Em 1930, Iwerks abandonou-o e iniciou a série da «Rã Flap», que se exibiu quase toda em Portugal.

A rã inchou, inchou, na sua vaidade balofa e estourou. Iwerks e a rã — eram uma pessoa só...

A sua técnica

Walt explica, rapidamente, a sua maneira de trabalhar.

«Sobre um tema musical, os argumentistas, de colaboração com os compositores, escrevem o «cenário». Discutimo-lo, depois. Uma vez de acordo, sob a minha direcção, os melhores desenhadores, trabalham os desenhos-base. Depois, encadeia-se tudo».

Simplicíssimo, como vêem... Mas para realizar um filme de 6 a 7 minutos, são precisas 300 pessoas, e 6 a 7.000 desenhos.

Com os meios ultra-aperfeiçoados de que dispõe, na hora actual, Disney poderia realizar cerca de 50 filmes por ano.

Mas não quer. Treze Mickey Mouse e Treze Silly Symphonies, eis o seu projecto anual.

Super, porquê? Superstição, talvez...

«A Dança Macabra»

Disney chegou a apavorar-se com a «rã Flap». Imaginou, então, já em plena era do som, as «Silly Symphonies». E estreou no Carthy Circle Theatre, de Los Angeles, com um êxito enorme, a primeira que levou a cabo: A dança macabra, que vimos no Central. Depois outros vieram...

Mickey, em Addis-Abeba...

O sonho de Walter Disney era — a cor! Queria dar aos seus filmes o atractivo de colorações irreais, que lhe criassem um encanto novo — e incomparável. Depressa conseguiu. E entre outros, lançou cá para fora, Os Três Porquinhos, a história da «Menina do chapélio encarnado», numa versão curiosíssima.

Foi um êxito louco. Desde então, consagrou-se, de alma e coração, em dar novos tons aos seus filmes. A Poesia, na tela, passou a ter a sua expressão máxima, com filmes como Árvores e Flo-

res, que a Academia de Artes e Ciências de Hollywood distinguiu com prémios especiais.

O desenho a preto e branco foi quase abandonado. Mickey Mouse, entretanto, continuou a aparecer em filmes espantosos, como esse «Gala em Hollywood», onde contracenava com todas as celebridades, genialmente caricaturadas.

E há dias, folheando o New York Herald Tribune, deparamos, atônitos, com a fotografia dum cartaz anunciando Mickey Mouse, em Addis Abeba...

Walter Disney não gosta de deixar os seus créditos por mãos alheias...

Um filme de hora e meia

Walt é incansável! Agora, procura realizar, a todo o transe, o seu novo filme de desenhos animados de longa metragem: Branca de Neve.

Poucos pormenores se conhecem. O filme deve levar hora e meia a correr. Deve ter oito partes. É um trabalho gigantesco. Basta que se diga o seguinte: cada parte, deve ter uma média de 16.000 quadros. Cada quadro é, em regra, o conjunto de cinco ou seis desenhos individuais, sobre um desenho de fundo. Quere dizer: cada parte, exigirá cerca de 100.000 desenhos. Multiplicamos agora, por oito...

Em plena glória

Disney, hoje, é célebre e é rico. Tem recebido mercês sem conta, pelos seus filmes. É cidadão honorário de todas as cidades americanas. Tem cartas de reis, testemunhos de princesas.

Ele e o seu irmão Roy detêm todas as acções da firma, que valem hoje cem vezes a cifra nominal.

O rato Mickey também é célebre. Recebe milhares de cartas de todo o mundo, por ano, muitas das quais levam, como único endereço: «Rato Mickey, Hollywood».

Como rato que é, invadiu todas as lojas, todas as casas. Está nos cadernos escolares, e nas camisas dos garotos; nos sabonetes e nas máquinas fotográficas; nas caixas de cigarros e nas pastas dos dentes. Tem um jornal, com um tipo «standard», que se publica em todo o mundo. É célebre, e a pesar-

disso, a mais dócil e encantadora das vedetas...

...Mas simples e despretencioso

Walt não lhe fica atrás em simplicidade e despretensão. É o que os americanos chamam «um smart guy». Um tipo chic, formidável, simpático.

Quando esteve em Paris, surpreendeu os jornalistas com o seu à vontade. Perseguido pelos «reporters» que o fotografavam, arranhou um expediente engraçado. Rapou da sua câmara portátil e desatou a filmá-lo... Achou imensa graça em virar, assim, o feitiço contra o feiteiro...

Tem milhares de diplomas, de menções honrosas, de prémios. As plateias consagram-no, aplaudindo os seus filmes. Na Polónia, foram tais as aclamações com que acolheram a Lebre e a Tarlanga, que a sala em questão foi obrigada a bisá-lo...

Só, entre nós, o público — o mesmo que aplaude o Négus e pateia Mussolini — permanece mudo e quedo à exibição das pequenas maravilhas, como as três últimas que se projectaram em Lisboa...

MÁRIO AUGUSTO



Jackie Cooper

(Visto por SOTERO)

QUESTÃO DE PUDOR...

Tio Sam é púdicio... O filme inglês Elisabeth, a Rainha Virgem, foi exibido na América, por imposição das Ligas de Moral, com outro título.

Chamaram-lhe Drake, o pirata...



A felicidade depende da Beleza e esta dos tratamentos da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Mme. Campos

AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

FÉMINA

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores Esc. 1\$50

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

STADIUM

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

16 PAGINAS, CHEIAS DE OPTIMAS E FLAGRANTES GRAVURAS ESCUDOS 1\$00

Visado pela Comissão de Censura



O Dr. Fritz Peter Buch, director de cena na Ufa, está preparando o primeiro filme de Alessandro Ziliani, tenor do Scala de Milão. O Dr. Buch, que é um conhecido dramaturgo da cena alemã, deu ao argumento a feição definitiva que o filme virá a ter, e declarou, há dias, que este não será uma produção ou género já tão explorado de filmes «a tenor»; pelo contrário, será um filme muito alegre, muito musicado, com um lindo enredo em que um tenor célebre terá oportunidade de evidenciar as suas qualidades vocais. O director de cena entende que se deve evitar o papel principal, visto que o canto, por estar longe da vida real do filme, produz sempre um ambiente, que lhe é adverso ou que prejudica o realismo do enredo cinematográfico.

Alessandro Ziliani, um tenor muito conhecido nas capitais europeias, e que ainda há pouco regressou de uma «tourné» triunfal pelos teatros da América do Sul, faz papel principal no novo filme. O enredo é pouco mais ou menos o seguinte: durante uma viagem de automóvel de Nice a Paris, o célebre tenor vê-se obrigado a parar numa pequena e idílica cidade, para reparar uma «panne»; nessa cidade, o tenor encontra uma companhia dramática que anda em «tourné» pela província e que justamente nesse dia representa um velho drama de cavalaria, no pequeno teatro da terra. A propósito, diz o director de cena que há aí a oportunidade de fazer o elogio dessas companhias dramáticas que, de terra em terra, andam fazendo, com os pequenos recursos de que dispõem, a propaganda do teatro. A «companhia dramática» que nos aparece no filme de Ziliani tem, no seu elenco alguns dos melhores actores da cena e da tela europeias, como Paul Hörbiger, por exemplo, que faz o papel de director, Carola Höhn, uma talentosa revelação do cinema germânico, Ludwig Platte, Sauter-Sarte, etc.

É no pequeno teatro dessa companhia, que Ziliani cantará, entre estripitadas aclamações do público, uma ária romântica, uma canção de amor que deu o título ao novo filme (Liebeslied — Canção de amor).

Os dois principais papéis femininos do filme estão entregues a Carola Höhn e Fita Benkhoff. Esta faz o papel de irmã, do tenor, e que o salva do entusiasmo ardente da parte feminina do público, mas que não consegue evitar que o irmão se apaixone seriamente pela figurinha graciosa e insinuante que Carola Höhn interpreta, com tanto talento.

Ziliani é um belo tipo de italiano, de estatura média e de olhos castanhos, bem proporcionado, e muito afável. É natural que tenha dificuldades em pronunciar o alemão, mas os seus ouvidos apurados de cantor, aprenderam entretanto a fonética de um idioma que, até agora, lhe era estranho. Ele próprio disse que estava tão entusiasmado com a cinematografia que o seu maior desejo seria trabalhar sómente para o filme, pois que este levará a sua voz a todo o mundo, essa voz que até agora só durante as suas férias se fazia ouvir nos palcos da Europa.

Além da canção de amor, Ziliani cantará, para o novo filme, duas outras óperas conhecidas,

PÁGINA TEATRAL

Girls portuguesas

Cine-Jornal, que não adula «estrelas» nem «astros», e vê unicamente, em cada trabalhador de teatro, um elemento necessário ao conjunto e ao trabalho duma companhia, abre hoje, nesta página, uma secção onde serão fixados os rostos gentis das mais interessantes «girls» portuguesas.

Noutro lugar desta página, escrevemos contra a habitual tristeza e falta de vivacidade das nossas coristas. Nesta secção vamos publicar-lhes os retratos,



los, como estímulo para que aprendam a sorrir em cena...

Cabe hoje a vez a Arlete de Almeida, uma gentil rapariga da Companhia do Variedades, que ainda há pouco tinha o cabelo escuro, e agora nos aparece espalhafatosamente loura...

Publicando hoje aqui esta fotografia, como homenagem, a uma autêntica trabalhadora de teatros queremos, ao mesmo tempo que a Arlete veja como era mais bonita antes de descôr o cabelo...

Artistas estrangeiros

A propósito da crise, que, neste momento, avassala os artistas portugueses, obrigando-os a representar, aqui e ali, a tróca duns magros escudos que raramente compensam o esforço dispendido, tem-se falado muito na vinda a Portugal de companhias estrangeiras.

O assunto é velho, e já tem vindo a lume, mesmo antes da época de crise que se atravessa. Nunca, segundo nos parece, os artistas portugueses viram com bons olhos a vinda ao nosso país de companhias estrangeiras. E a frase «para vêr aquilo temos cá melhora» deve ter sido aplicada, por várias vezes, a propósito do assunto.

Hoje, porém, o acontecimento, em si, passa a ser encarado sob um prisma de maior gravidade. O facto de muitos artistas portugueses se encontrarem desempregados, não devia, à primeira vista, admitir que se trouxessem, a Lisboa companhias estrangeiras.

Ora, segundo nos parece, quem vê o assunto desta maneira, erra profundamente, e, sobretudo, exagera-se a si próprio, na pouco louvável intenção de enganar os outros, ou estabelecer, aos nossos visitantes, um ambiente pouco propício.

PRÓLOGO

MAIS uma vez vamos falar hoje, aqui, do problema das «girls» portuguesas, assunto que, para muitos, parecerá de secundário interesse, mas que a experiência vem demonstrando ser um dos mais importantes factores do êxito duma revista.

Ainda recentemente, a Empresa do Maria Vitória, com a apresentação da peça ali em cena, nos veio demonstrar que há quem pense como nós, e atribua aos grupos coreográficos e corais a importância que merece.

Não queremos hoje, porém, bater mais uma vez na estafada tecla da falta de ginástica. Todos nós, que vamos ao teatro e assistimos às peças, ou do lado da plateia ou do palco, sabemos bem que poucas, raras, coristas estão devidamente gimnasticadas, e que se torna quasi impossível organizar, entre nós, um grupo de «girls» de categoria.

Não podemos, evidentemente, exigir grandes marcações, a raparigas que são atiradas para um palco como o poderiam ter sido para um «atelier» de modista ou para qualquer outro emprego.

O que lhes podemos, como todo o público, exigir, é que não vão para o palco com cara de entêrro, transformando as marcações em desfilada de barqueiros do Volga, e os coros em marchas mais ou menos fúnebres.

Vem isto a propósito...

* * *

Uma noite da semana passada, estivemos no teatro da Trindade, onde se despidia a Companhia brasileira. É mais uma vez reparámos na alegria com que aquelas raparigas trabalhavam, alegria que lhes transparece no rosto, nas marcações, em toda a sua actuação de cena.

Em todos os números as raparigas sorriem, gritam, alegrando a peça com a sua vivacidade. São elas o único motivo de alegria na sensaboria das peças que compõem o repertório da Companhia.

A seguir ao Trindade, fomos a segunda sessão dum teatro onde se representa uma revista portuguesa. A diferença é flagrante.

As coristas, pelo visto todas muito mal dispostas, exibem, perante o público, uma cara de tristeza, capa: de fazer chorar uma plateia inteira.

Ora, nós acreditamos piamente que aquelas pequenas fôlhas estejam arreliaçadíssimas. Mas também temos a certeza de que o público que pagou o bilhete, não tem culpa nenhuma disso.

Não será assim?...

O HOMEM QUE PUXA O PANO.

CAIXA DO PONTO

Espectáculos para boémios...

Está tomando proporções assustadoras o facto dos nossos teatros de revista não terem uma hora fixa de terminarem os espectáculos.

Nos anúncios dos jornais, o público lê que a primeira sessão começa às oito e três quartos e acaba às dez e três quartos, donde facilmente se deduz que a segunda, que começa às onze, deve terminar à uma da madrugada, isto é, a muito boas horas de se apanhar o último carro eléctrico...

Acontece assim?

É evidente que não.

É, espectadores que moram em pontos afastados da cidade, perdem, frequentemente, os últimos carros, por culpa das empresas, que transformam as casas de espectáculos em clubes de amadores, que acabam... quando tiver terminado o último acto...

Ora, com um pouco de boa vontade, não seria possível que as últimas sessões terminassem a horas dos espectadores, que compraram bilhetes... e sabe Deus porque preço — não terem ainda que ir de «taxi» para casa?

O pedido aí fica, certos de que interpretamos o pensamento de muita gente, que começa a fugir das segundas sessões como o Diabo da cruz...

A Crise

Os artistas atingidos pela crise, continuam, e muito acertadamente, a procurar defender-se o mais possível. As récitas sucedem-se, o que prova que os simpáticos artistas não param na defesa do sagrado direito da luta pela vida.

Mas, — ousamos perguntar — terão sido os resultados materiais de tal actividade, verdadeiramente satisfatórios?

Não nos parece ousado afirmar que não. É não, sobretudo, a nosso ver, porque os artistas desempregados não têm sido cercados, pelos seus colegas, por aquele ambiente de carinhoso interesse que seria de esperar. Escrevêmo-lo com todas as letras: — que seria de esperar.

E falamos assim, porquanto, à parte o gesto de Maria das Neves e Costinha, nada vimos que viesse justificar aquela solidariedade tão apregoada pelas mesas dos cafés.

Com um pouco de boa vontade, os artistas atingidos pela crise veriam, em breve, a sua situação modificada. Sabido como é que entre os desempregados não existem, presentemente, grandes nomes para cabeças de cartaz, não é difícil calcular o quanto preciosa seria

ARTISTAS QUE MARCAM

V

Dina Tereza

Dina Tereza, — que antes de fazer «A Severa» se chamava Dina Moreira, é uma artista gentilíssima, e a quem se pode aplicar, sem exagero, a classificação de «cem por cento portuguesa».

Ótimo elemento em qualquer companhia de revista, há uns papéis de sabor popular, que desempenha como ninguém. A sua voz, a figura, tudo nela



se conjuga para realizar o seu trabalho, é, sem favor, dos que vão direitos à plateia.

Actualmente, Dina Tereza faz parte da Companhia do Apolo, desempenhando alguns papéis na revista ali em cena.

Incluindo-a nesta página, e nesta secção, *Cine-Jornal*, presta, gostosamente um acto de justiça a uma artista de cinema e teatro, que, sem o rálculo de «estrelas» tem sabido marcar, decididamente, o seu lugar.

a colaboração de alguns elementos de reconhecido prestígio, que, embora trabalhando, sempre poderiam tomar parte em «matinées» especialmente organizadas. Num gesto de camaradagem que não ficaria mal a ninguém...

Uma festa

No próximo dia 20 realiza-se no Politeama, um brilhante festival, que terá início depois da meia noite, e no qual tomam parte quasi todas as nossas Companhias de teatro.

Destina-se o produto da original festa ao «Cofre de Reformas e Pensões dos Artistas Teatrais».

Entre outros, escreveram peças num acto e pequenos «sketches», propostadamente para essa noite, os escritores Lino Ferreira, Félix Bernudes, Pedro Bandeira, Xavier de Magalhães, Anibal Nazaré, dr. José Galhardo e Luiz Galhardo.

Gente nova

Numa revista, estreada há dias, fez sucesso um grupo de raparigas, novas no teatro, que nela actuam como discípulas.

Seria curioso, e até favorável aos direitos da Empresa respectiva, o vêr-se até que ponto poderá ir o trabalho dessas discípulas, para as não colocarem naquela posição, já bastante nossa conhecida, de discípulas que não passam de coristas...

O HOMEM QUE PUXA O PANO.

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 8 — 9 DE DEZEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



ATÉ O FIM DO ANO: O Bonus de um mês de graça, aos novos assinantes que se inscreverem